



## II CONPESQ Congresso de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Os novos rumos da ciência pós-pandemia

12 a 16 de abril de 2021 Universidade Federal do Cariri - UFCA

### TEORIA DE TROPOS FRENTE O PROBLEMA DA SUBSTÂNCIA

Francisco Hugo Macêdo Barreto<sup>1</sup>  
hugo2730@hotmail.com

#### 1 INTRODUÇÃO

Filósofos que antecederam Aristóteles foram munidos de bastante esforço para explicar o conceito que Aristóteles viria classificar como substância. É bastante intuitivo que indivíduos mudam suas propriedades ao longo do tempo. Objetos não são estritamente constantes. Certamente, uma pessoa que conhecemos há anos, não possui mais as mesmas propriedades de quando a conhecemos. Aristóteles formula seu conceito de substância para se contrapor a teoria das formas de Platão, na qual os objetos materiais eram apenas cópias de formas inteligíveis.

De modo resumido em *As Categorias* a substância é apresentada como algo individual no qual as propriedades ou atributos inerem, mas ele mesmo não pode ser predicável ou atribuído a nenhuma outra coisa. Platão possui as propriedades de ser humano, grego, mestre de Aristóteles entre outras. Platão é uma substância primeira na qual as propriedades inerem. Humano, por exemplo, é uma substância segunda que é atribuída a Platão. Por outro lado, *felino* não é uma substância primeira, ela é uma propriedade que inere em algumas substâncias primeiras, mesmo *felino* possuindo propriedades como ser *mamífero*. Uma substância primeira nunca é propriedade de nenhuma outra coisa.

É difícil precisar efetivamente o que é uma substância, mas podemos entender uma substância individual ou particular como sendo um objeto, uma coisa por direito próprio. Ela é fundamentalmente algo individual, ou seja, uma entidade particular. Candidatos a elas são árvores, pessoas, gatos, entre outras coisas. Uma substância é essencialmente um particular ao contrário das propriedades que são universais, uma propriedade pode estar presente em mais de uma substância.

Uma relação fundamental na categorização ontológica é a relação de inerência de uma propriedade em uma substância. Na linguagem o nosso acesso a propriedades se dá

---

1 Estudante do 8º semestre de Filosofia Bacharelado na Universidade Federal do Cariri (UFCA).

por meio dos predicados. Via de regra, as propriedades são as referências dos nossos predicados, assim como os particulares são as referências dos nossos termos singulares. Ou seja, linguisticamente a nossa relação de inerência entre propriedades em substâncias e expressa através de sentenças predicativas. A substância Keith Richards possui a propriedade de ser guitarrista, podemos então expressar este fato como “Keith Richards é guitarrista” nesse caso o sujeito linguístico “Keith Richards” representa a substância Keith Richards, enquanto o predicado “é guitarrista” representa propriedade de ser guitarrista.

Podemos derivar disso um critério lógico-linguístico para a distinção entre substância e propriedades. O termo que representa uma substância é sempre o sujeito em uma expressão linguística e nunca predicado, enquanto a expressão de uma propriedade pode ocorrer tanto como sujeito como predicado. O preto da minha camisa é claramente uma propriedade, que na expressão “o preto dessa camisa” é colocado como predicado, mas preto pode ser colocado como sujeito de uma oração quando falamos, por exemplo, que “preto é uma cor”. Já no caso de Keith Richards é claramente uma substância e que só pode ocorrer como sujeito de alguma expressão.

Há dois possíveis contraexemplos a essa distinção. O primeiro pode ser colocado da seguinte forma, “este homem é Keith Richards” onde o termo “Keith Richards” não ocorreria como sujeito da expressão. Evidentemente, esse contra exemplo tem um problema que é o fato de “ser Keith Richards” não ser um predicado no sentido lógico, mas um predicado somente no sentido linguístico. Ou seja, a expressão não teria uma forma sujeito-predicado, mas sim uma forma relacional, contendo uma estrutura simétrica. “Esse homem é Keith Richards” é simétrico a “Keith Richards é esse homem”. O segundo possível contra exemplo, seria expressões em que a substância aparece como parte de um predicado.

O conceito de substância é permeado por algumas noções centrais para sua caracterização, duas delas são: independência ontológica, identidade transtemporal. Uma substância é essencialmente um particular ao contrário das propriedades que são universais, tendo na substância sua dependência ontológica. Um falso problema é entender essa relação como mútua. É possível entender que sendo a distinção básica entre particulares e propriedades uma questão de dependência por parte das propriedades e independência por parte da substância, seria natural induzir que se não existem propriedades sem um particular a qual pertence, as substâncias também não existiriam sem propriedades. Uma propriedade não poderia ter existido ou existir sem uma substância, mas a substância pode ter existido ou existir sem uma propriedade.

É consenso que uma das características mais básicas e conhecidas da substância seja a independência ontológica da mesma. Analisemos dependência ou independência ontológica. Dizemos que X é ontologicamente dependente de Y, se X precisa de Y pra ser ou existir. Por outro lado, Y é ontologicamente independente de X, se Y não precisa de X para existir. O cabelo do Keith Richards é ontologicamente dependente, pois sem o Keith Richards o cabelo dele não poderia existir. A cor do cabelo do Keith Richards por outro lado, depende do cabelo para ter existência, pois se o Keith Richards não tivesse cabelo, não se poderia falar da cor do cabelo dele. Nisso, notamos que a dependência ontológica é uma relação transitiva. Se X depende ontologicamente de Y e Y depende ontologicamente de Z, então X depende de Z.

É intuitivo que uma substância mantém sua identidade mesmo alterando suas propriedades ao longo do tempo. Há duas noções de identidade que devemos distinguir. A primeira seria identidade em um sentido mais fraco, conhecida como identidade qualitativa. Podemos falar de dois objetos distintos, contudo, que possuem uma ou várias

propriedades iguais. Objetos produzidos em série são bons exemplos. Dois livros de uma mesma edição são qualitativamente idênticos, contudo, mesmo concordando quando ao tamanho, forma e até por vezes quanto o material, se tratam de dois livros. A segunda é conhecida como identidade estrita ou numérica. Nesse caso, dois objetos são numericamente idênticos se não há nenhuma propriedade que possa diferenciá-los. Ou seja, não pode haver objetos numericamente diferentes que possuam todas as suas propriedades iguais. Minha mãe é numericamente idêntica à mãe da minha irmã. Para a metafísica e o estudo em questão a noção que interessa é a de identidade estrita.

## 2 METODOLOGIA

Esse trabalho tem como objetivo apresentar de maneira sucinta o conceito de substância no debate contemporâneo. No primeiro momento abordo de maneira rápida os principais pontos da noção de substância, por fim, nesse tópico introduzo de maneira breve a Teoria de Tropos e como essa consegue lidar com problemas recorrentes. D.C. Williams apresenta uma categoria fundamental que reduziria todas as demais categorias ontológicas, a de tropos. O método utilizado nesse trabalho é o de análise bibliográfica.

D.C. Williams propõe que consideremos três pirulitos, estes possuem palitos que se assemelham de maneira exata, mas tem suas demais características distintas quanto à forma, cor e sabor.

- Pirulito 1: vermelho, redondo e com sabor menta;
- Pirulito 2: marrom, redondo e com sabor chocolate;
- Pirulito 3: vermelho, quadrado e com sabor menta.

Cada pirulito é parcialmente semelhante e parcialmente diferente dos demais pirulitos. Aqui temos a noção que A ser parcialmente similar a B, significa que uma parte de A é totalmente similar a uma parte de B. São semelhantes, pois seus palitos se assemelham de maneira exata, obviamente os palitos não podem ser estritamente iguais quanto a todas propriedades, mas são iguais em um grau de difícil diferenciação.

Williams propõe particularizar as propriedades dos pirulitos e assim o faz através de nomes. P1, P2 e P3 são os respectivos nomes dos pirulitos 1, 2 e 3. Mas não somente os pirulitos têm nomes, suas partes também têm. Chamemos seus palitos de “P1p”, “P2p” e “P3p”. Os três pirulitos são semelhantes pois P1p, P2p e P3p são totalmente semelhantes. Contudo, todos os pirulitos são parcialmente distintos também, para evidenciar isso Williams atribui nomes próprios a cor, forma e sabor de cada pirulito. Dessa forma, podemos diferenciar a cor, forma e sabor do mesmo modo que diferenciamos os palitos. As cores de P1, P2 e P3 denominaremos respectivamente de “P1c”, “P2c” e “P3c”. As formas de P1, P2 e P3 denominaremos respectivamente de “P1f”, “P2f” e “P3f”. Por fim, os sabores de P1, P2 e P3 denominaremos respectivamente de “P1s”, “P2s” e “P3s”. Como falado acima, todos esses são nomes próprios. P1s é um nome próprio no sentido que Kripke define em *Naming and Necessity*, um nome introduzido através de um batismo inicial. Não devemos entender P1s como a descrição definida “o sabor menta do pirulito 1”. Cada parte do pirulito é um tropo, e todo tropo é um particular.

P1 é completamente similar a P3, pois P1c é completamente similar a P3c (ambos são casos de vermelho) do mesmo modo que P1s é completamente similar a P3s, contudo, são numericamente distintos apesar de serem entidades similares. São numericamente distintos, pois têm ocorrências espaciais diferentes e não possuem interação causal entre si. Para Williams todos os tropos são ontologicamente reais, P1s é tão real quanto P1p ou P1.

A diferença está no fato que P1 e P1p são entidades concretas ao passo que P1c, P1s e P1f são entidades abstratas.

A grande inovação na proposta de Williams são os tropos como as unidades fundamentais de toda realidade e em qualquer mundo possível. Todas as demais categorias ontológicas são redutíveis à categoria dos tropos. Em síntese toda a realidade seria resumida através de duas relações fundamentais de tropos: localização e similaridade. Dado dois tropos sua similaridade ou não é determinada necessariamente através dos mesmos. Sua localização é compreendida a partir da localização no espaço e no tempo. Um objeto particular é determinado a partir da soma dos tropos co-presentes nesse objeto. Por outro lado uma propriedade é determinada como o conjunto de todos tropos em relação de similaridade.

#### 4 CONCLUSÕES

A Teoria de Tropos utiliza a ideia de co-presença para driblar os problemas que recai recorrentemente as outras teorias. Problemas como instanciação individualização e inerência de uma propriedade em um objeto são respondidos de modo intuitivo. Basicamente, inerência se trata apenas de um tropo fazer parte de um conjunto de tropos co-presentes. No exemplo, “Keith Richards é guitarrista” a teoria de tropos argumenta que um tropo pertencente a classe dos tropos semelhantes de ser guitarrista está presente constituindo o conjunto Keith Richards, que é a soma de diversos tropos co-presentes.

Todos os problemas referentes a objetos e propriedades ou sujeito e predicado, são superados uma vez que só há um tipo de categoria ontológica. As relações de similaridade e localização entre tropos conectados é a base para construção de toda e qualquer realidade em qualquer mundo possível.

#### AGRADECIMENTOS

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pela concessão da bolsa de pesquisa e auxílio financeiro que possibilitou essa pesquisa. Ao Prof. Dr. Valdetonio Pereira De Alencar por me aceitar como pesquisador e por toda orientação e atenção nessa empreitada.

#### REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valdetonio Pereira de. **Nominalismo e Teoria de Tropos**: o estatuto das propriedades. 2015. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica, 2015.

KRIPKE, Saul. **Naming and necessity**. Cambridge MA: Havard University Press. 1980.

ROBINSON Howard. **Substance**. Stanford Encyclopedia Of Philosophy. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/substance/> Acesso em: 15 fev. 2021

WILLIAMS, D.C. **On the Elements of Being.** Review of *Metaphysics* 7, pp. 3-18, 171-92. 1953.